



## **O QUE DIZEM DOCENTES SOBRE A ABORDAGEM SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA?**

Andressa Barbosa Comiotto<sup>1</sup>  
Bianca Salazar Guizzo<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho constitui-se a partir de um recorte oriundo de um projeto maior de pesquisa, intitulado “Políticas Educacionais: um olhar sobre as questões de gênero e sexualidade”, cujo principal propósito é discutir como docentes têm mobilizado-se com o intuito de colocar em prática, ou não, que consta em documentos educacionais que contemplam gênero e sexualidade. Tendo como base teórica os campos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero de vertente pós-estruturalista, nesse trabalho especificamente objetiva-se apresentar e problematizar percepções e entendimentos sobre os conceitos de gênero e sexualidade através das vozes de docentes atuantes na Educação Básica. O material empírico constituiu-se a partir da transcrição de entrevistas semiestruturadas realizadas com esses docentes. Cabe destacar que os cuidados éticos foram tomados e os/as entrevistados/as concordaram com a utilização dos dados produzidos em decorrência das suas contribuições para fins de pesquisa e, conseqüentemente, de publicação. A partir da organização dessas transcrições, metodologicamente empreendeu-se uma análise cultural, o que nos possibilitou examinar e discutir práticas e produtos da cultura que se vinculam, no caso desse trabalho, às falas dos sujeitos dessa investigação. Foram tomados como principais ferramentas teóricas os conceitos de representação, de gênero e de sexualidade. Os resultados obtidos inicialmente demonstraram que existem diferentes entendimentos e abordagens sobre as questões de gênero e de sexualidade percebidos através das falas dos/as professores/as entrevistados/as. Há, porém, uma diferença nítida entre as falas de professores/as ligados/as ao campo das Ciências Biológicas e as daqueles/as ligados/as às Ciências Humanas. O primeiro grupo apresenta um discurso ligado à biologia, à reprodução, à anatomia e à “naturalização” do gênero e da sexualidade em seus debates na sala de aula, ou seja, o modo de trabalhar atrela-se ao campo biomédico e da saúde. Já o segundo grupo problematiza, ainda que de forma tímida, questões sociais, culturais e históricas ligadas a gênero e a sexualidade. Além disso, introduzem discussões que buscam despertar em alunos e alunas o respeito às diferenças. Esse recorte da pesquisa, permitiu-nos concluir que, apesar de os/as entrevistados/as mencionarem que tenham tido minimamente contato com tais temáticas em seus cursos de formação, tem havido a inserção das discussões de gênero e sexualidade em suas práticas pedagógicas, embora a partir de diferentes perspectivas.

Palavras chave: docência; escola; diversidade

### **INTRODUÇÃO**

---

1 Aluna do curso de História – Bolsista FAPERGS – andressasqn@gmail.com

2 Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação – bguizzo\_1@hotmail.com

O objetivo do presente trabalho é problematizar entendimentos e representações dos conceitos de gênero e de sexualidade através das vozes de professores/as atuantes na Educação Básica, em escolas da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com docentes que atuam na Educação Básica. Cabe ressaltar que esse trabalho é parte constituinte de um projeto mais amplo de pesquisa, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, intitulado “Políticas Educacionais: entrelace com as questões de gênero e sexualidade”. O referido projeto foi pensado e proposto a partir da urgência do debate sobre os modos como as questões de sexualidade e de gênero vêm sendo inseridas, ou não, em Leis e documentos oficiais e Políticas Educacionais, bem como da necessidade de discussão dessas questões em distintos espaços educativos, especialmente nas instituições escolares. É relevante salientar que as discussões empreendidas neste artigo conversam com as teorizações desenvolvidas pelos campos dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero de vertente pós-estruturalista.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A metodologia empreendida neste trabalho centrou-se na realização de entrevistas semiestruturadas durante o ano de 2016 com professores/as na Educação Básica. Elaboramos um roteiro composto por cinco questões relacionadas à temática estudada e pesquisada pelo projeto de pesquisa. Cabe mencionar que as entrevistas não se resumiram às respostas dadas a partir dessas questões orientadoras, mas foram além na medida em que quando realizamos esse tipo de entrevista, outras perguntas podem surgir a partir do que o/a entrevistado/a traz em sua fala.

A entrevista se constitui como importante ferramenta metodológica para o campo da Educação e das Ciências Humanas. Procuramos adotar um método de entrevista baseado na abordagem interacionista, que toma por objeto não apenas a dualidade entrevistador/entrevistado e pergunta/resposta, mas que analisa toda a situação e o contexto criado no decorrer da entrevista (SILVEIRA, 2002, p.120).

A partir da organização das transcrições das entrevistas empreendemos uma análise cultural, o que nos possibilitou examinar e discutir práticas e produtos advindos da cultura que se vinculam, no caso desse trabalho, às falas dos sujeitos dessa investigação (WORTMANN, 2002).

## **RESULTADOS INICIAIS**

Os resultados obtidos pelas nossas investigações apontaram que os/as professores/as atuantes na Educação Básica percebem as questões de gênero e sexualidade de formas diversas. Nas duas entrevistas que selecionamos para análise ficou claro que os entendimentos e as representações que os docentes construíram sobre gênero e sexualidade estavam atrelados ao campo de estudo nos quais se formaram na graduação.

A primeira entrevista selecionada foi feita com uma professora de Biologia e Química, disciplinas ligadas ao campo das Ciências Naturais. Através de nossos questionamentos sobre a forma como ela trabalhava as temáticas de gênero e sexualidade em suas aulas, ficou claro que seu entendimento sobre estas questões estava ligado diretamente às funções biológicas e anatômicas dos corpos dos sujeitos. Tal como fica evidenciado no trecho de entrevista a seguir:

[...] pois então, tu sabe que eu sou professora de Biologia, e o debate sobre sexualidade, gênero nem tanto, mais sexualidade mesmo, é bem recorrente na área da Biologia [...] olha, a forma com que eu faço essa abordagem é relacionada ao conteúdo mesmo, não faço debates filosóficos ou políticos sobre isso [...] tipo, sei lá, estamos falando sobre anatomia humana em uma aula, por exemplo, é claro que eu vou falar sobre a sexualidade humana, sobre reprodução, sexo [...] eu vejo a sexualidade como algo natural mesmo, parte do nosso ser [...]. (Entrevista realizada em 22 de fevereiro de 2016)

Através da fala desenvolvida pela docente percebemos que a representação que ela construiu sobre a sexualidade se restringe às funções estritamente anatômicas e biológicas do corpo, como já referimos, tanto que disse que “*não faço debates filosóficos ou políticos sobre isso*”. Quanto ao seu entendimento sobre gênero, percebemos que a docente sabia que havia uma diferença entre gênero e sexualidade, que as duas categorias não andam necessariamente “lado a lado” e isso fica claro quando a mesma diz “[...] *eu debato sobre sexualidade, gênero nem tanto, mais sexualidade mesmo [...]*”, porém, ao longo da entrevista não deu sinais de maiores percepções sobre essa questão. A partir das falas da professora é possível perceber que a representação de sexualidade com a qual ela opera vincula-se aos aspectos reprodutivos que são tidos como “naturais”. Quando ela privilegia esses aspectos, a ênfase recai sobre a sexualidade heterossexual. Entretanto, na perspectiva em que esse artigo se insere, “[...] a sexualidade não se restringe à reprodução, [...] ela pode ser vivida de variadas formas: com o próprio corpo, no corpo do outro (sendo do sexo oposto ou não)” (GUIZZO e RIPOLL, 2015, p. 477). Além do que, conforme argumenta Jeffrey Weeks (1999) a sexualidade pode ser compreendida como fonte de desejo, prazer e satisfação e não apenas de reprodução. Importante mencionar que a formação inicial dessa entrevistada foi fundamental para organizar o tipo de abordagem que ela faz sobre as temáticas. Ao longo da entrevista, ela salientou que acha “[...] *a inserção destas temática muito importantes [...]*”, mas

complementou que também vê “[...] estas questões bem delicadas”. Ou seja, a entrevistada aborda as questões de gênero e de sexualidade, mas distancia-se de uma abordagem que vai na direção do que aponta Weeks (1999), isto é, não se aborda a sexualidade como fonte de satisfação e prazer.

A segunda entrevista selecionada foi realizada com um professor de História e Sociologia, disciplinas vinculadas ao campo das Ciências Humanas. Quando transcrevemos e analisamos esta entrevista percebemos uma nítida diferença em relação à primeira entrevista trazida neste artigo. O mesmo questionamento que foi feito para a professora de Biologia, sobre a forma com que as questões de gênero e sexualidade eram trabalhadas nas aulas, foi feito para o professor de História. As percepções que o docente apresentou sobre gênero e sexualidade diferenciaram-se das falas da professora de Biologia. Segue um trecho que selecionamos para exemplificar:

[...] eu já fiz abordagens de gênero e de sexualidade nas minhas aulas. Como tu sabe, sou professor de História e Sociologia, e estas áreas, ao meu ver, se constituem como importantes meios de debate para estas questões.. Eu sempre procuro abordar estas temáticas através de um viés político, filosófico e sociológico... Claro, e sempre ressalto a importância da construção histórica sobre estas questões [...] (Entrevista realizada em 17 de maio de 2016)

Analisando a fala deste docente podemos perceber que o entendimento que ele possui sobre gênero e sexualidade está próximo do entendimento que nós, que trabalhamos com o campo dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero de viés pós-estruturalista, temos sobre estas temáticas. Ficou claro que o professor vê estas questões para além do discurso “naturalizador” que a professora de Biologia apresentou nas suas falas. Mesmo que o professor entenda as representações de gênero e sexualidade como construções históricas, sociais e culturais, em sua fala ele deixa explícito que o ambiente escolar deveria ser um espaço que incentivasse debates com o intuito de promover o respeito às diferenças. Trouxemos um trecho para exemplificar

[...] a inserção destas temáticas transversais, e como tu disse, gênero e sexualidade se enquadram neste termo, são importantes avanços para a promoção de um ambiente escolar menos desigual [...]. (Entrevista realizada em 17 de maio de 2016).

Em outra fala, ele reforça que ainda há a presença de ideias conservadoras no âmbito educacional, no que diz respeito a gênero e sexualidade:

[...] a escola deve ser uma instância que promova o respeito às diferenças, que promova um ambiente menos preconceituoso e desigual, né... Acho que essa mentalidade conservadora, que diz que estas questões devem ficar restritas ao ambiente familiar já não podem mais espaço, né... [...]. (Entrevista realizada em 17 de maio de 2016).

Partindo da análise e da comparação que fizemos entre as falas dos dois docentes percebemos que os diferentes entendimentos, percepções e representações que os/as professores/as possuem sobre as questões de gênero e sexualidade deve-se ao fato de estarem

atrelados a áreas do conhecimento distintas, quais sejam: as Ciências Naturais e as Ciências Humanas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nos últimos trinta anos houve um número muito grande de trabalhos e pesquisas que se dedicaram a problematizar e analisar os modos como as questões de gênero e sexualidade vinham sendo desenvolvidas e discutidas em distintos espaços educativos que se vinculam à escola, mas não se limitam a ela. Além disso, grupos (tal como o Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero) promoveram uma série de cursos de extensão que visaram contribuir para a formação de professores/as nessa área.

Apesar disso, ainda é notável que os/as professores/as não se encorajam a trabalhar formalmente com essas questões. Arriscamo-nos a dizer que este receio se dá em função de ordenamentos normativos que têm suprimido as referências a gênero e a sexualidade em certos documentos oficiais. Tal supressão é o reflexo da ascensão de forças conservadoras no cenário político e social, tanto no Brasil quanto no restante do mundo. O certo é que, apesar de alguns retrocessos, nossos esforços para promover espaços educacionais que respeitem a diversidade e a diferença não devem esmorecer, pois a construção por uma forma de educação igualitária se faz cotidianamente.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

GUIZZO, Bianca Salazar; RIPOLL, Daniela. Gênero e sexualidade na Educação Básica e na formação de professores: limites e possibilidades. *Holos*, v.6, n. 31, 2015, p.442-483.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, Marta Júlia; MEYER, Dagmar e WALDOW, Vera (orgs.). *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 7-18.

LOURO, Guacira L. Pedagogias da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 7-34.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em Educação: uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 35-82.

WORTMANN, Maria Lúcia C. Análises culturais - um modo de lidar com histórias que interessem à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.